



RELICI

O DEBATE RACIAL NO DOCUMENTÁRIO SOBRE O JOGO DE FUTEBOL “PRETO X BRANCO”¹

*THE RACIAL DEBATE IN THE DOCUMENTARY ABOUT THE FOOTBALL MATCH
"BLACK VS. WHITE"*

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão²

Juliana Linhares Brant Reis³

Ivalda Kimberlly Santos Portela⁴

RESUMO

O artigo aborda o documentário “Preto x Branco”, dirigido por Wagner Morales, que tematiza o tradicional jogo de futebol de várzea entre times formados por jogadores que se autodeclaram pretos e brancos no bairro São João Clímaco, em São Paulo. Nosso objetivo é compreender o debate racial na produção audiovisual sobre o jogo de futebol “Preto X Branco”. O método utilizado foi uma abordagem qualitativa, com análise audiovisual na íntegra, categorização temática das cenas e falas, e interpretação à luz de conceitos como racismo estrutural, racismo recreativo e mito da democracia racial. A pesquisa evidenciou que o documentário funciona como lugar de memória e denúncia, ao mostrar como o futebol, espaço considerado democrático, reproduz hierarquias raciais e silenciamentos, mas também se torna um campo de resistência e afirmação identitária negra. A obra contribui para uma compreensão mais profunda das relações raciais no Brasil, incentivando o diálogo e a ação coletiva a favor de um futebol e de uma sociedade mais igualitário reafirmando o papel fundamental da produção cultural na luta contra o racismo estrutural e na construção de um Brasil plural e democrático.

Palavras-chave: futebol, documentário, relações étnico-raciais.

ABSTRACT

The article discusses the documentary “Black x White”, directed by Wagner Morales, which portrays the traditional amateur football match between teams formed by players

¹ Recebido em 01/08/2025. Aprovado em 01/11/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.17661265

² Universidade Federal da Bahia. bruno.abrahao@ufba.br

³ Universidade Federal da Bahia. julianalinhairesb@gmail.com

⁴ Universidade Federal da Bahia. kportela44@gmail.com



RELICI

who self-identify as Black and White in the São João Clímaco neighborhood in São Paulo. Our objective is to understand the racial debate presented in the audiovisual production about the football game “Black X White.” The method used was a qualitative approach, including full audiovisual analysis, thematic categorization of scenes and statements, and interpretation based on concepts such as structural racism, recreational racism, and the myth of racial democracy. The research showed that the documentary functions as both a site of memory and a form of denunciation, as it reveals how football often considered a democratic space reproduces racial hierarchies and silencing, while also becoming a space of resistance and Black identity affirmation. The film contributes to a deeper understanding of race relations in Brazil, encouraging dialogue and collective action toward a more equitable football environment and society, reaffirming the fundamental role of cultural production in the fight against structural racism and in the construction of a plural and democratic Brazil.

Keywords: football, documentary, ethnic-racial relations.

INTRODUÇÃO

O documentário é um gênero cinematográfico não ficcional, que se baseia em fatos e situações reais, embora apresente uma perspectiva subjetiva do realizador, a partir de escolhas estéticas e narrativas. O documentário busca informar, educar e provocar reflexões sobre diversos temas, utilizando recursos cinematográficos e audiovisuais para apresentar a história de forma criativa e envolvente, podendo explorar diferentes estilos e abordagens (Nichols, 2016).

Podemos tê-lo como um lugar privilegiado para a recuperação e manutenção da memória, por reunir características como narrar o cotidiano e as condições de vida dos intervenientes, por apresentar um momento histórico e cultural específico. É possível, e desejável, pensar o documentário como lugar de memória e documento histórico que dá legitimidade a hábitos de vida, modos de pensar, formas de agir, mas também como um lugar que pode ser usado como memória no futuro, como um retrato do cotidiano de determinada época e funciona como “um lugar onde a memória pode ser exercida, uma narrativa que serve para rememorar, um arquivo sobre o cotidiano da vida vivida” (Rocha, 2009, p. 145).

Rocha (2009) disse ainda que os filmes são realizados para contar histórias, sendo que sua importância, de modo geral, e do documentário, em particular, está na



RELICI

sua capacidade de testemunhar as versões da verdade e se tornar parte da memória de toda cultura humana. O seu papel é contar histórias para que não nos esqueçamos delas e, também, para celebrar o júbilo, a multiplicidade e riqueza da vida (Rocha, 2009) como as tradições populares, alvo de atenção de documentaristas já que “trabalha com questões importantes para a coletividade em determinado momento, funciona como um balizador do que experimenta a sociedade naquele momento, os valores dominantes daquele período” (Rocha, 2009, p. 146).

Uma das tradições populares, retratada em um documentário e objeto de estudo deste artigo, foi o jogo de futebol “Preto X Branco”. O filme, que leva o mesmo nome do jogo, tematiza os jogos que acontecem desde 1972 no bairro São João Clímaco, em São Paulo, capital, em um dos domingos que antecedem ao Natal, disputados por equipes compostas por jogadores que se autodeclaram “pretos” contra os jogadores que se autodeclaram “brancos”. No dia comemorativo ocorrem, em média, quatro jogos, em que os jogadores participantes são divididos em função da idade e de critérios técnicos. Denominado pelo próprio grupo de “encontro entre amigos Preto X Branco”, como se pôde ler em faixas e canecas de chope alusivas ao evento, esse jogo se revela um ritual fértil e privilegiado para a compreensão do racismo na sociedade brasileira.

Legalmente, o racismo é um crime inafiançável. Todavia, as representações socialmente construídas sobre a “raça negra”, muitas vezes censuradas no cotidiano, manifestam-se no futebol. A emoção que vigora no plano esportivo solapa aquilo que é racionalmente silenciado por constrangimentos legais e morais acabando por revelá-las e encontra no documentário um recurso para sua observação. Neste sentido, a pergunta que orienta este artigo é: quais temas são abordados pelo documentário? A fim de respondê-la, nosso objetivo é compreender o debate racial na produção audiovisual sobre o jogo de futebol “Preto X Branco”.



RELICI

MATERIAIS E MÉTODOS

Para tanto, tomamos como fonte o documentário produzido em 2004 pela TV Cultura com direção de Wagner Morales, intitulado “Preto X Branco”. Este texto, além de elemento de rememoração, atende também como documentação de um determinado momento histórico, como uma fonte armazenadora de dados sobre certa temporalidade, isto é, como um “documento de época” (Rocha, 2009, p. 147).

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, pois visa compreender em profundidade as representações e discursos presentes no documentário “Preto x Branco” sobre o debate racial no futebol brasileiro. A metodologia qualitativa é adequada para analisar fenômenos sociais complexos e multifacetados, possibilitando a interpretação de significados, narrativas e práticas simbólicas (Minayo; Guerreiro 2014). A escolha dessa abordagem se justifica pela necessidade de compreender não apenas o conteúdo explícito do documentário, mas também as nuances discursivas, visuais e contextuais que revelam as tensões e contradições do racismo no esporte.’

O corpus da pesquisa é composto pelo documentário “Preto x Branco” na sua íntegra, com 1h18min34s de duração, disponível no YouTube . A análise concentrou-se em cenas e depoimentos que apresentam o debate racial, selecionando trechos que evidenciam tanto as manifestações explícitas quanto as sutis do racismo.

Os procedimentos envolveram: anotações detalhadas sobre cenas, falas e recursos audiovisuais relacionados ao tema; categorização temática das falas e imagens conforme as categorias do referencial teórico; interpretação aos conceitos de racismo estrutural, racismo recreativo e representações raciais.

OS TEMAS DO DOCUMENTÁRIO “PRETO X BRANCO”

O início dos jogos

Segundo Wagner Morales, diretor do documentário que nos serviu de fonte, o filme foi inspirado a partir da matéria da revista Trip. As filmagens ocorreram em dezembro de 2003, durante a semana que antecedia o evento até o dia do jogo. A



RELICI

pré-produção, que continha o roteiro e os preparativos, demorou uma semana, e a edição demandou três meses. Todo esse trabalho fez com que o filme fosse ao ar no segundo semestre de 2004, em uma programação especial da TV Cultura para a exibição de documentários. Além disso, de acordo com as informações de Wagner Morales, o documentário “Preto X Branco” foi reprisado várias vezes pela mesma emissora, em outros canais públicos e exibido em festivais de cinema em mais de dez países, tendo recebido o prêmio de melhor documentário internacional no Festival Real World em Toronto, Canadá. Foi uma realização da TV Cultura, e contou com o apoio da Secretaria do Audiovisual, Ministério da Cultura e Governo Federal, além da Associação Brasileira de Documentaristas.

Sua sinopse o apresenta da seguinte maneira:

Uma tradição de três décadas é o ponto de partida do documentário Preto contra Branco. O filme discute o preconceito racial no Brasil, usando como referência um “clássico” do futebol de várzea entre moradores de dois bairros periféricos de São Paulo. Desde 1972, um grupo de moradores do bairro de São João Clímaco e da favela de Heliópolis, maior favela da América Latina, organiza um jogo de futebol de brancos contra pretos no final de semana que antecede o Natal. Em uma comunidade altamente miscigenada, composta basicamente por mulatos, a peculiaridade da partida é a auto-atribuição da raça pelo participante. Cada jogador se declara negro ou branco e “escolhe seu time”. A equipe do documentário passou uma semana entrevistando personagens, acompanhando o dia-a-dia dos bairros, em um processo que culmina no jogo. Trata-se de um verdadeiro ritual, no sentido antropológico, que serve para atenuar as tensões raciais locais ao mesmo tempo em que acaba por revelá-las.

O documentário da TV Cultura se inicia da seguinte maneira: “Um jogo de futebol entre pretos e brancos foi o ponto de partida desse documentário. Durante uma semana gravamos entrevistas com alguns participantes desse jogo, organizado todo final de ano pelo time de futebol de várzea Flor de São João Clímaco”.

Por tratar-se de uma memória seletiva, alguns fatos são registrados e outros são esquecidos em função de preocupações pessoais ou políticas de determinado momento. Essa noção será fundamental para compreendermos como e por que “os grupos sociais, no presente, apropriam-se do passado e, ainda mais, de certos símbolos ‘que prestem mais sentido às suas necessidades do presente’” (Bravin,



RELICI

2004, p. 7). Quando entendemos que as nossas lembranças são interligadas em uma rede social ampla, passamos a compreender que o passado é acionado, na maioria das vezes, para atender às demandas do presente.

No transcorrer do documentário, o grupo exhibe uma fotografia que mostra o local onde eles disputavam as partidas iniciais do “Preto X Branco”. Hoje, segundo o Sr. Waldir Zuffo, um dos entrevistados no filme, está “tudo tomado”, referindo-se à favela de Heliópolis. Os idealizadores do jogo foram convidados para entrar na favela, a fim de reconhecer onde ficavam os campos. O Sr. Waldir Zuffo afirma no documentário:

Nós jogamos no domingo. Na segunda, quando a gente chegou, já estava tudo tomado. Tava tudo furado, o campo. Tudo com estaca, dividido, terreno por terreno, e já com plástico, pedaço de pau, já com criança, mulher. [...]. Aqui era que nem um parque, era 23 campos de futebol. No domingo, todo mundo vinha para cá, vinha andar de bicicleta, vinha andar de carro, vinha jogar bola.

O comentário de Waldir Zuffo revela as tensões e os traços de diferenciação acionados pelos habitantes que vivem na periferia em contraposição aos moradores da favela de Heliópolis:

Eu nasci aqui. Eu não tenho nada que fazer na favela. Então eu não vou lá, e não faço amizade. Eu não procuro. E da mesma forma eles não têm muito interesse em misturar. Jogador de futebol vem. Jogador de futebol procura o Flor porque só tem o Flor e o Flor tem campo. E nós temos bons jogadores que vieram de lá. E se vier muito mais, tudo bem. A gente não faz diferença, eles que não se integram. Mesmo na festa de fim do ano, pouca gente vem da favela. E durante uns 25 anos nós demos. A carne, o chope era dado. Não se cobrava nada. Nós começamos a cobrar a partir de uns quatro, cinco anos atrás para selecionar, porque virou muita bagunça, quer dizer, no fim quando a gente chegava para comer e pra beber já tinha acaba tudo.

O lugar de encontro para a filmagem do documentário foi o Bar do Medião, quando o Sr. Zé Lauro contou como era o jogo antigamente: “Nós fazíamos casado contra solteiro até a década de 70”. Essa mesma versão é reforçada na matéria da TV Bandeirantes pelo próprio Zé Lauro, quando ele deu o seguinte depoimento:

A gente fazia todo fim do ano o ‘casado contra solteiro’. Isso aí, o último foi em 1972, entendeu? E aí resolvemos fazer ‘Preto contra Branco’ no ano seguinte. Fizemos um jogo só e deu certo. Aí foi pegando. Esse aqui já é o 37º. Hoje são quatro jogos, entendeu?



RELICI

Waldir também relembra o surgimento do “Preto X Branco”:

Essa ideia do “Preto X Branco” quem trouxe pro Flor foi o Tipiu. Meu compadre, um crioulo que tinha amizade em São Paulo inteiro. Onde você fosse com ele, ele era conhecido e bem quisto. Era uma pessoa maravilhosa, agregadora. Gostava tanto de branco quanto de preto. Mas ele resolveu criar o jogo Branco contra Preto. Aí começou a criar rivalidade mesmo. Sempre foi feito em dezembro, perto do Natal. Era festa, brincadeira, churrasco, chope, cerveja. Aí pegou.

Esse campo de várzea é um dos poucos remanescentes naquela região.

Rappin Hood disse no documentário que hoje em dia

O campo do Arapuá é o último campo que sobrou. Não tem um clube aqui. Que nem tem o Clube Atlético Ipiranga. Mas é a elite da quebrada, tá ligado? É lá, do lado de lá do túnel. Que é tipo a elite da quebrada, né, mano. É os boy, né, meu. Nós do túnel para cá, é a periferia da quebrada. Nós não temos o Clube Atlético Ipiranga. E esse é o nosso clube.

Esse terreno da prefeitura, composto por um campo de futebol, um bar, uma quadra de futebol society e um espaço destinado ao jogo de bocha, pode ser entendido como o pedaço onde se vivencia o “Preto X Branco”.

No documentário analisado, escutamos os seguintes cânticos oriundos das torcidas: “Oh, oh, oh, oh, eu sou negão, maloqueiro e sofredor, graças a Deus!”. Já a torcida dos brancos bradava: “Eu sou branco, tenho dinheiro, e os negão passa fome o ano inteiro!”. E a torcida dos pretos respondia: “É tudo playboy, filho da puta!”

Wagner Morales, diretor do documentário, nos descreveu que no dia do jogo são realizados cinco ou seis jogos de categorias variadas como veteranos, juvenil e “profissionais”. A disputa principal é a dos “profissionais”, que, de fato, conta com a presença de jogadores profissionais que aparecem lá para jogar. Nesse jogo o nível técnico é bom e, por conseguinte, o clima é bem mais tenso. O jogo é mais violento e a torcida fica muito mais presente e provocativa. O jogo principal é a “nata” do dia ou o “morango em cima do bolo”, expressão usada por Rappin Hood ao se referir ao primeiro jogo no documentário.

A memória dos atores que idealizaram o jogo remonta ao início da década de 1970, e é ela que tem sido utilizada para construir uma narrativa sobre essa tradição que vem se perpetuando ao longo dos últimos anos. Assistir ao documentário, se



RELICI

eterniza a origem dos jogos no início da década de 1970. Radicada nas diversas mídias, a memória oficial dos jogos revela ainda o drama sobre o crescimento desordenado das cidades.

Que sentidos assumem a idealização e a perpetuação de um jogo com essas características em uma cidade como São Paulo? Esses jogos de confraternização sempre se valeram da divisão das equipes sustentadas por marcadores sociais. Inicialmente, por aqueles que assumem os códigos de um estado civil, na condição de homens casados ou homens solteiros. Essa polarização ocorreu apenas por um ano e foi o pontapé inicial dessa partida. A partir de 1972, os idealizadores passaram a utilizar outro marcador social: a raça ou a cor dos jogadores.

A rivalidade nos jogos

A partir dos relatos de alguns organizadores dos jogos presentes no documentário, observamos as singularidades e as curiosidades que circulam em torno daquele jogo tradicional, que dramatiza temas relativos ao racismo na cultura brasileira através da rivalidade construída por jogadores autodeclarados pretos e brancos. Radicados no Parque Fongaro, os jogos “Preto X Branco” seguem sendo perpetuados pela ação de diferentes atores. São pessoas simples, que encontraram na tradição construída sobre esse jogo um espaço para serem reconhecidas, lembradas.

Ao longo dos anos se criou uma rivalidade que mantém a excitação sobre esse jogo, que polariza brancos e negros através de um confronto simulado. Ao analisar as rivalidades que se formaram no futebol, observamos que elas gravitam em torno de sentimentos vinculados a grupos primordiais⁵. Esses sentimentos são capazes de aglutinar duas extensas comunidades, que são coesas em si mesmas e rivais entre si. Isso que faz com que cada time tenha o seu rival. O futebol tem como finalidade a competição entre agremiações, que proporciona o acirramento das

⁵ São considerados grupos primordiais aqueles em que nascemos, quer se concentrem na língua, costume, religião, raça, etnia ou lugar.



RELICI

rivalidades. Essas rivalidades ganham corpo na medida em que uma outra forma de disputa ocorre paralelamente ao confronto propriamente dito entre as agremiações: são aquelas que ocorrem pela supremacia dos valores, dos simbolismos e das categorias às quais os times estão associados. No caso, o que sustenta a rivalidade e a excitação sobre o jogo está condicionado aos valores que os jogadores e participantes atribuem ao “ser branco” e ao “ser negro”.

O fato de o evento encerrar-se em si mesmo, pelo prazer de vivenciá-lo, e de não fazer nenhuma espécie de distinção, dá o tom das elaborações de Teia, filho de Zé Lauro, apresentado no documentário:

Tanto é que a gente não tem estatística. Se você perguntar: os brancos ganharam mais? Os pretos ganharam mais? Ninguém sabe. A gente só lembra do ano passado. Para você ver como a festa é tão... o juiz do ano passado era deficiente físico. Olha que jogo louco é esse aí. De um lado só preto, de um lado só branco e o juiz deficiente. Pô, esse jogo aí não tem em lugar nenhum.

A fim de interpretar a tradição que se construiu no jogo “Preto X Branco” ao longo de quase quatro décadas, utilizamos dois conceitos propostos por Damo (2002) para interpretar os elementos mais significativos que são mobilizados por um jogo de futebol. São eles: a temporalidade do evento e a temporalidade da tradição⁶. A primeira se caracteriza pelo “ritual disjuntivo e, portanto, nos 90 minutos de bola rolando, [nos quais] destacam-se os aspectos propriamente emotivos do embate futebolístico” (Damo, 2002, p. 56).

Do encadeamento desses jogos surge a temporalidade da tradição, que, segundo Damo (2002, p. 56), “resulta de sobreposições e arranjos múltiplos produzidos pelos vários segmentos que constituem o universo futebolístico – a um tempo que não é o tempo de jogo propriamente dito”. Esse tempo seria o tempo do cotidiano onde se “inventam as tradições que aproximam futebol e sociedade e garantem ao primeiro um encadeamento histórico”.

⁶ Damo pensou esses termos para o futebol profissional, mas de maneira genérica poderíamos enquadrá-los ao futebol amador.



RELICI

As relações entre essas duas temporalidades constituem a “força motriz da dinâmica de grupo de um jogo de futebol” (Damo, 2002, p. 57) e, sem a dialética entre ambas, “o futebol seria apenas uma sequência ilimitada de jogos; não seria sequer um ritual e, tampouco, disjuntivo, pois o evento não teria o que atualizar e a tradição não teria como fazê-lo”. Dessa maneira, continua Damo, o jogo de futebol poderá ser:

Excitante mesmo que tecnicamente fraco, basta que a tradição lhe assegure uma posição de destaque; o inverso também é verdadeiro. Mas é quando ambas as temporalidades se sobrepõem com vigor e intensidade, que o jogo se torna verdadeiramente absorvente (Damo, 2002, p. 57).

Se não há nenhuma forma de premiação para a equipe vencedora, se não há uma estatística para saber quem venceu mais ao longo dos anos, o que “está em jogo” naquelas partidas de confraternização para que continuem sendo excitantes? No “Preto X Branco” as perdas e os ganhos são simbólicos. O que faz essas partidas se perpetuarem ao longo desses anos e com um elevado grau de excitação é o fato de elas já terem sido internalizadas aos significados da tradição local, permitindo a adesão dos seus praticantes aos valores e aos simbolismos que gravitam em torno do “ser negro” e do “ser branco”.

Se um time ganhou, faz parte do ritual da tradição gozar a derrota do rival durante todo o ano, até o próximo jogo. Lembremos que além do jogo propriamente dito, essa partida dramatiza as identidades de brancos e pretos, de modo que tripudiar sobre a derrota do “outro” é tão importante quanto cultivar a própria identidade. A cada jogo realizado, ano após ano, trocam-se os atores, mas perpetua-se a tradição. É essa temporalidade que dá continuidade a esse jogo, fazendo com que ele venha ocorrendo, ritualizando e reatualizando as rivalidades entre brancos e pretos, ao longo de anos.



RELICI

As polêmicas em torno da identificação racial

Rappin Hood⁷ rememora no documentário que viu várias vezes “o jogo correndo e os caras aqui fora falando: ‘Ei, mas aquele ali não é negro, não, mano, aquele cara é branco!’ E a maior briga: ‘Não é negrão não mano, não, é branco, é branco’. Mas tem que perguntar pro cara né, mano: ‘O quê que você se sente, você se sente o quê?’”.

Um dos pontos mais explorados pelo documentário “Preto X Branco” foi o critério de classificação racial. O diretor do filme questiona a cor dos participantes. Pneu⁸ não se contenta em dizer que é negro, ele afirma que é o mais negro dos negros dali. O diretor pede para descrever a cor de Reginaldo, um mulato de traços negroides. Teia arrisca uma explicação: “A mãe dele, clara, não chega a ser branca, clara, morena clara. Mas o pai dele é mais mulato”. Pneu arrisca outra explicação: “O Reginaldo é brasileiro, ele é da Silva”. Reginaldo discorda e diz que é branco, com certeza. Pneu retruca e diz que ele é misturado, “ele é brasileiro”. Wagner Morales contesta-o e acompanhando a elaboração do próprio entrevistado, diz que ele é branco. Pneu, por fim, responde que “é a ótica dele”.

Wagner Morales pergunta: “E no caso dos mulatos?” Pneu responde antes do diretor terminar a pergunta: “Os mulatos, geralmente eles jogam para os pretos, né. Mas tem aqueles mulatos que são camaleões”. O que é ser “camaleão”? Retornando ao documentário, Pneu prontamente respondeu que Reginaldo era um “camaleão”, uma vez que ele era “da Silva”. O diretor perguntou sobre outros jogadores “camaleões” e tanto pretos quanto brancos foram unânimes em indicar Preguinho, na ocasião a maior estrela do time dos pretos. Mas ele estava jogando em um time do

⁷ Rappin Hood é o nome artístico de Antônio Luiz Júnior, rapper paulista reconhecido por suas composições sobre negritude e periferia. No filme, ele participa como entrevistado e narrador de sua própria experiência, trazendo reflexões sobre identidade racial, negritude e pertencimento nas periferias brasileiras.

⁸ Pneu é um dos participantes entrevistados, morador de periferia, que reflete sobre a própria identidade racial. Ele não é uma figura pública conhecida fora do filme.



RELICI

interior do Paraná e não sabia se voltaria a tempo para a partida que seria realizada no domingo.

O diretor visitou a casa dos pais de Preguinho e pediu ao pai que descrevesse como era seu filho. O pai respondeu: “Isso é problema de uma briga que existe entre eu e ele. A mãe... [ela mostra a cor do braço mais amorenado] O pai [ele encurta a manga da camisa para fazer o mesmo gesto] é branco. Então uma hora ele joga pros pretos, outra hora ele joga pros brancos”. A mãe interveio e disse que o filho havia decidido jogar só para os pretos e, por não concordar, o pai disse que ficava bravo com ele: “Pô, sacanagem, né, meu. O que eu vou dizer para minha netinha? Dizer: ‘Seu tio é preto’.” O pai de Preguinho exhibe a neta para o documentário. Era um bebê de olhos azuis. Wagner Morales pergunta ao pai como ele descreve o filho. O pai responde: “Mostarda. Ele não é nem preto, nem branco”. A mãe dele exhibe uma foto na qual Preguinho tinha cabelos loiros, “castanho bem claro mesmo”. Antes de começar o quarto jogo, o jogo principal, Preguinho chegou. Abraçado com seu pai, ele disse: “Eu sou nego, sou seu filho, pô.” Seu pai discorda e diz: “Você não é negro. Você é café com leite. Sua mãe é chocolate, eu sou branco. Você é café com leite”.

A produção do documentário foi à casa de um jogador chamado Marcelo e solicitou que ele descrevesse sua cor. A resposta desse moreno que joga no time dos brancos traduz o sonho brasileiro do branqueamento e a frouxidão da identidade étnica no Brasil:

Eu sou moreno, entendeu? O pessoal vai achar engraçado. O pessoal me enche o saco de falar sobre isso aí, que eu sou moreno, né. Falam que moreno não é cor, ou é preto, ou é branco, entendeu? Mas eu fico ali, em cima do muro, aí todo mundo fica me cobrando por causa disso. “Uma hora você quer jogar no preto, outra hora você quer jogar no branco. Você decide. Ou se joga num, ou se joga noutro”. “Tá bom. Vou jogar nos branco então”. Aí o pessoal apela, dizendo: “Não, você tem traços de negros e quer jogar nos brancos”. Eu falei assim: “Cê não mandou eu escolher? Eu tô escolhendo. Vou jogar nos brancos” (Morales, 2004).

O diretor Wagner Morales pediu que Marcelo descrevesse a cor de seu pai e de sua mãe. Ele respondeu dizendo que o pai é branco e que a mãe é negra. Ele fez a mesma pergunta para a mãe e o pai de Marcelo. A mãe respondeu que era



RELICI

“marronzinha”, explicando que a cor marronzinha significava “café com leite”. A mãe discordou da cor atribuída a seu filho e disse que ele era “queimadinho de sol”. A mãe de Marcelo foi questionada também sobre a cor do marido. Ela respondeu que no registro dele está branco e no de Marcelo também está branco. Por fim, o diretor perguntou ao pai de Marcelo como ele se considera. Ele respondeu: “Eu me sinto negro nessa cor parda mesmo”. Além disso, discorda de Marcelo, dizendo: “Não, pra mim o Marcelo não tem branco, não, pra mim esses traços é preto mesmo”. Marcelo é a antítese de Preguinho. Ambos possuem as mesmas características fenotípicas, isto é, possuem traços de negroides, mas subjetivamente o primeiro se assume como branco, enquanto o segundo se considera negro. Entretanto, ambos convergem em um ponto, na medida em que personificam os dramas relativos à identificação racial no país da miscigenação.

Ao analisar a relação de negros e brancos em São Paulo no século que procedeu à abolição, Andrews (1998) salientou que embora os pardos ocupem uma posição intermediária entre os pretos e os pardos na hierarquia racial, sua posição é muito mais próxima dos pretos do que dos brancos, fato que levou cientistas sociais a concluir que no Brasil a “linha de cor” parece estar localizada entre os brancos e os não brancos, e não entre os mulatos e os negros, como poderia se acreditar. Isso seria uma evidência de que a “condição racial do moreno está mais associada ao status racial negro que ao branco” (Andrews, 1998, p. 385).

Esse argumento é reforçado por Bastide e Fernandes ([1955], 2008) que assinalam a forte linha divisória entre “negros” e “mestiços”, de um lado, e “brancos” de outro, reminiscências do século XIX. Talvez por isso os critérios de participação dos mulatos no time dos brancos sejam tão controversos. Uma das situações em que o critério de classificação racial é acionado é nas escolhas dos jogadores em cada um dos times.

O que se observa é que a proporção de brancos é maior que a de “pretos” e “pardos” em todas as regiões. A tabela 1 foi extraída do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2000, e revela dados relativos à quantidade



RELICI

de pretos e brancos no município de São Paulo, em geral, e em cada uma das subprefeituras da capital paulista, em particular. São João Clímaco, bairro onde está radicado o “Preto X Branco”, faz parte da subprefeitura de Ipiranga.

Tabela 1 - População total e respectiva distribuição percentual, por cor ou raça, segundo as Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas - 2006

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	População				
	Total (1.000 pessoas)	Distribuição percentual, por cor ou raça (%)			
		Branca	Preta	Parda	Amarela ou indígena
Brasil	187.228	49,7	6,9	42,6	0,8
Sudeste	79.753	58,8	7,7	32,5	1,0
São Paulo	41.164	67,9	5,8	24,8	1,6

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006.

A cor pode ser utilizada como um atributo de um grupo social. Ou seja, a classificação de alguém como “preto”, “branco” ou “pardo” não é algo objetivo, independentemente dos sujeitos e das relações nas quais eles estão envolvidos. A classificação dos indivíduos em categorias de cor equivale a incluí-los em grupos que partilham certas características físicas, psicológicas ou morais. Isto é, a cor das pessoas é condicionada pelas relações partilhadas em sociedade e não existe independentemente do modo como elas percebem e organizam suas experiências de vida (Seyferth, 2002).

As marcas da distinção

Para compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais, assim como as estratégias de distinção utilizadas pelos frequentadores do “pedaço” de São João Clímaco, utilizamos a perspectiva de Norbert Elias, em coautoria com John Scotson, no livro *Os estabelecidos e os outsiders*, publicado em 1990. Os grupos ligados entre si sob a forma de uma configuração entre estabelecidos e outsiders são compostos de seres humanos individuais:

O problema é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das



RELICI

fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles” (Elias; Scotson, 1990, p. 39).

Os autores descrevem no livro as tensões em uma pequena comunidade denominada Winston Parva, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, estes tratados como outsiders. O grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor, tratando-os como pessoas que não se inseriam no grupo, como “os de fora”.

Não acreditamos que a comunidade de São João Clímaco enxergue os moradores da favela de Heliópolis como seres humanos inferiores, em função da situação financeira que faz com que estes morem na favela, símbolo do crescimento desordenado das grandes metrópoles, e o primeiro grupo viva em uma região periférica nessa cidade. Ou seja: mesmo entre os pobres há formas de diferenciação e não há como negar que o modelo empírico de Elias e Scotson (1990) seja útil para compreendermos as tensões na periferia de São Paulo. Assim como em Winston Parva, talvez não haja uma diferença substancial de renda, tipo de ocupação, nível educacional – em suma, quanto à classe social dos participantes dos jogos e dos moradores de Heliópolis. Ambos são populações de trabalhadores. A diferença reside no fato de que um grupo, assim como em Winston Parva, “compunha-se de antigos residentes, instalados na região havia duas ou três gerações, e outro era formado por recém-chegados” (Elias; Scotson, 1990, p. 21).

Relembremos que os antigos estabelecidos eram os idealizadores do “Preto X Branco”, que perderam espaço para os recém-chegados que ocuparam desordenadamente os espaços dos campos de futebol dos primeiros, ameaçando o estilo de vida e o conjunto de normas até então estabelecidas. Por conseguinte, o afluxo de moradores da favela era sentido como uma ameaça àquele estilo de vida estabelecido. É a diferenciação estabelecida sobre o comportamento desses atores, distinguindo os “pobres não favelados” dos “pobres favelados”.



RELICI

Observe-se que a questão aqui não é a cor. Afinal, há pretos tanto em São João Clímaco quanto em Heliópolis. A diferença que vai identificar o “pedigree” do comportamento de ambos revela sobre que marcas e valores recai o preconceito no Brasil. Lá, a preocupação não é apenas “ser preto”, mas sim qual o tipo de comportamento que o convidado estabelecerá. O grupo não faz distinção de cor, desde que os visitantes assumam um comportamento ordeiro, civilizado, em conformidade com as boas normas de convivência e as boas maneiras. Internalizá-las e praticá-las contribui para aproximar os indivíduos dos valores de um comportamento ordeiro e civilizado que constitui parte das marcas elegidas na identificação do “ser branco”. Se os códigos da boa educação não forem reproduzidos pelos visitantes, eles serão preteridos, independentemente da cor. O contrário também é verdadeiro.

O jogo que tensiona os conflitos sociais dos moradores da periferia de São Paulo ganhou um novo significado quando no início do século XXI passou a iluminar questões relativas à discussão sobre as cotas no Brasil. Lembremos que os jogos surgiram no início da década de 1970, nos anos duros do regime militar, num contexto em que a mera menção de raça ou racismo resultava em sanções sociais e, no limite, em repressão e até mesmo exílio de acadêmicos brasileiros que se ocupassem do tema das relações raciais (Telles, 2003). Talvez em virtude disso, os jogos “Preto X Branco” tenham sido negligenciados pelos estudos ao longo de tantos anos, e somente no início do século XXI, em consonância com as demandas políticas brasileiras, tenham se tornado objeto de interesse por parte da mídia e da academia.

Os mesmos dramas vivenciados pela sociedade brasileira em função da política de cotas estão, guardadas devidas diferenças, colocadas no “Preto X Branco”: saber quem é preto ou branco no Brasil e quais são as marcas que o indivíduo necessita acumular para ser aceito ou reconhecido como um ou outro. Se na universidade essa escolha pode determinar o destino de um estudante, em São João Clímaco a escolha vai acarretar a participação do jogador em determinado time, que, se vencer, permitirá ao jogador brincar e tripudiar sobre o perdedor, dentro dos limites



RELICI

da compostura. Talvez seja por isso que os mulatos “camaleões”, muitas vezes, escolhem os times para os quais vão atuar, em função da qualidade dos times, para que consigam o único objetivo externo ao jogo: ter acesso a essa possibilidade de sociabilidade que a vitória traz, nesse jogo que ritualiza o drama da identificação racial no Brasil no país da miscigenação.

Os tensionamentos sobre o termo “macaco”

No documentário, Rappin Hood disse:

Às vezes o cara tem vontade de falar, mas ele não pode. E daí no dia da brincadeira ele aproveita para falar. Eu não vou negar não, mano. Tem coisa que eu escuto no dia do jogo que se for em dia normal, o bicho pega. Que eu não vou ouvir quieto.

Zé Lauro interveio dizendo que ele brinca com todos os pretos porque “todos eles me conhecem. Eu não faço por maldade. Eu faço por brincadeira mesmo”. Rappin Hood tomou a palavra e reforçou: “Lógico. E a brincadeira é entre nós que se conhecemos. Se o senhor Zé Lauro brincar comigo eu vou aceitar, né, mano. Ele me conhece desde moleque”.

Pensemos em Sansone (2003) quando ele diz que a terminologia popular brasileira inclui um conjunto de termos usados em diversos contextos sociais, como, por exemplo, no grupo de amigos, onde nas brincadeiras e nas brigas usam-se certos termos que não seriam empregados fora desses contextos. Um termo altamente pejorativo como “macaco”, poderia ser usado por brancos para se referir a pretos, caso não fossem amigos? Parece que a relação de amizade entre os interlocutores compõe a linha tênue que distancia a ofensa da brincadeira.

Yvonne Maggie (2005-2006) cita que há três formas de classificação de cor no Brasil: a do IBGE, que coincide com a do Estado (pretos, pardos, brancos e amarelos); a forma romântica do mito fundador da civilização brasileira (branco, índio, negro) e a da vida cotidiana. O “Preto X Branco” revela que o termo “macaco” é uma das formas de classificação da vida cotidiana. Nesse âmbito, o lugar, a posição de



RELICI

quem fala e, sobretudo, o grau de relação entre as pessoas determinarão se a utilização de um termo ou de outro será ofensiva ou não.

A compreensão desses códigos é um imperativo necessário para interpretar as relações interétnicas dadas naquele contexto. Se for alguém do pedaço e esse alguém tiver intimidade ou uma relação de proximidade que o habilite a brincar com o outro, se tolera a utilização do termo “macaco” como forma de referência ao negro. Entre pessoas próximas, a utilização do termo deixa de ser vista como uma ofensa e passa a ser tolerada como uma brincadeira, ainda que não proporcione nenhum tipo de capital positivo a favor dos negros. É difícil imaginar que algum desconhecido naquele pedaço se atreveria a ter algum tipo de comportamento que pudesse ser considerado ofensivamente racista.

Apesar de essas manifestações de racismo terem sido lembradas por parte dos próprios atores, observa-se que no documentário há um interesse do grupo em negá-las. Afinal, como esse jogo “sem conotação racista”, poderia se gabar desse diferencial se ali houvesse manifestações de racismo e se isso fosse repercutido em um documentário? Daí o interesse em negá-las, silenciá-las e considerar a emissão do termo “macaco” como parte de uma brincadeira. Por mais que houvesse a intenção de negá-las, o contraste entre os diferentes discursos dos sujeitos entrevistados no filme sugere que há manifestações dos estereótipos raciais. O silêncio do entrevistado com relação a essa questão revela a presença dessas manifestações e a vergonha por elas existirem. Daí a censura em revelá-las, cujo interesse do grupo em negar se justifica pelo discurso da convivência pacífica e harmônica entre os diferentes matizes da sociedade brasileira.

A equipe do documentário visitou André, um jogador do time dos pretos, e “Camarão”, do time dos brancos. O primeiro disse: “Por eles estarem ganhando sempre, né, eles tiram muito sarro da gente. Ah, eles levam banana, eu não gosto, macaco eu não gosto”. Camarão, jogador que atua no time principal dos brancos, disse a André: “Vou comprar uma máscara de macaco, né, banana e guardar. E



RELICI

quando eu fizesse um gol eu iria brincar. Mas tudo na brincadeira. Sem tirar sarro de ninguém, da cor, de nada” (Morales, 2004).

No bar onde o grupo estava reunido para a filmagem, Eduardo fez um comentário: “Quem é bom para contar piada de pretos é o Zé Lauro”. Pneu retruca: “Não tem essa de piada de preto, não. Que negócio de piada de preto?”. Mesmo contrariando um dos organizadores dos jogos, surgiram algumas piadas e brincadeiras, como as que seguem: “Domingo machucou um jogador dos negros e eu pedi para chamar o veterinário”, “leva um cacho de banana lá domingo, é ouro pros cara”, “os preto quando estão tudo de brinquinho ninguém deve mexer porque está sendo controlado pelo Ibama” (Morales, 2004). Nitidamente constrangido com as brincadeiras na frente das câmeras, Pneu deixou o recinto.

Em uma outra cena, o diretor procurou Pneu para que ele justificasse sua retirada daquele ambiente no momento em que estavam sendo gravadas piadas racistas, ainda que a filmagem não estivesse ocorrendo com aquele propósito:

Nós não queremos que seja transmitido dessa forma. Porque senão nós vamos sofrer, a entidade vai sofrer sanções. Não, eu não tenho medo de nada. Eu não quero que converse coisas pejorativas. Eu não quero. Eu sou um senhor. O intuito da nossa brincadeira é confraternização. Não pode piorar nem preto nem branco, nem nada. Não tem piada racista porque o contexto não é racista (MORALES, 2004).

O próprio Pneu disse em um outro momento do documentário: “A ciência da coisa é que nós somos amigos. O fundamental da coisa”. É importante relatar uma situação vivida com o Sr. Wilson, apelidado de Pneu. Enquanto entrevistava o Sr. Pedro, apelidado de Litão, o Sr. Wilson interveio e perguntou qual era a finalidade daquela entrevista, e se não se tratava de uma entrevista de cunho comercial. Respondi que não, que ela tinha uma finalidade acadêmica de compreender o racismo no futebol. Ele respondeu que havia passado os direitos de imagem para a TV Cultura na ocasião do documentário e complementou enfaticamente que

De antemão, o futebol nosso aqui não tem cunho racista, não. Não vai você depois deturpar o conhecimento como jornalista, hein? Porque os pessoal associou a gente ao Heliópolis, associou de cunho racista e nós não temos esse intuito, hein?



RELICI

Ao ser questionado sobre como era ofendido pela torcida, Pacote, o árbitro do jogo que se autodeclara preto, disse que em caso de discordância em relação a alguma de suas marcações, os torcedores chamavam-no de “macaco, juiz ladrão”. Em São João Clímaco, essas formas de representação se manifestam contra os pretos independentemente de eles serem árbitros ou não. Os jogadores são alvos dessas mesmas manifestações. O mesmo entrevistado que nos revelou que não havia racismo por ali, disse que os brancos xingam os pretos de “negrão, macaco, não sei o quê, e coloca caixa de banana atrás do gol”.

Durante as entrevistas apresentadas no filme, alguns jogadores e torcedores afirmam que o racismo “não é tão forte assim” ou que “é só brincadeira”, relativizando as agressões e comentários preconceituosos que aproximam o negro do mundo animal. Essa naturalização de tomar uma injúria como brincadeira compromete o enfrentamento do problema, pois o racismo deixa de ser percebido como uma violência real e estrutural, passando a ser encarado como algo normal ou inevitável. Ribeiro (2019) denomina de racismo recreativo as formas disfarçadas e veladas de racismo que se manifestam em piadas, brincadeiras e estereótipos que permeiam as relações sociais. Embora pareçam inofensivas, essas expressões reproduzem a discriminação e dificultam o enfrentamento do racismo ao naturalizá-lo e silenciar suas vítimas. Esse racismo recreativo é especialmente visível em ambientes esportivos, onde o humor e a competição muitas vezes mascaram práticas racistas. Portanto, o documentário não apenas denuncia o racismo, mas também aponta caminhos para sua superação, mostrando o potencial do futebol como instrumento de transformação social quando apropriado e ressignificado pelas próprias comunidades marginalizadas.

Simbolizados através das imagens dos “macacos” ou inscritas no “mundo natural/animal”, quais sentidos assumem os estereótipos construídos sobre a “raça negra” que são acionados através do futebol? Se a memória é objetivada nas representações, quais sentidos assumem a rememoração da “raça negra” ancorando-a no mundo “animal” ou “natural”, sobretudo nos momentos de conflito? Se para se



RELICI

lembrarem, os indivíduos necessitam da memória coletiva, quais interesses justificam a lembrança das representações internalizadas na cultura brasileira que associam o “negro”, enquanto categoria antropológica de análise, às imagens dos “macacos” ou das “bananas”?

Se as identidades raciais são construídas simbolicamente ao sabor das relações de poder que um grupo social estabelece em oposição a outros, as reminiscências das idiossincrasias que homogeneizam e inferiorizam a “raça negra” se valem da utilização das categorias “animal/natural”. Nesse sentido, como atesta Jodelet,

a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito. [...] mas a particularidade do estudo das representações sociais é o fato de integrar na análise desses processos a pertença e a participação, sociais ou culturais, do sujeito (Jodelet, 2001, p. 27).

Acionar os símbolos “macaco” ou “banana” quebra um constrangimento moral de silêncio em relação à mácula da escravidão que inferiorizava a “identidade negra”. Os sentimentos provocados pelos apupos que inferiorizam a “raça negra” em relação à “branca” comprometem os princípios da igualdade entre aqueles que coabitam um mesmo espaço social. A verbalização dessas representações sobre a “raça negra” no plano da cultura brasileira mostra como a questão das identidades adquire uma dimensão especial.

Todo campo cultural tem seus controles e expectativas simbolicamente atribuídos às construções de identidade. São os sistemas simbólicos que informam a produção dos significados e a forma como a diferença é marcada em relação à identidade. Se um grupo tem o “poder de nomear” e isso permite diferenciá-lo dos “outros” através do termo “macacos”, ele está, por contraste, afirmando que o seu grupo é humano. Se compreendermos que os indivíduos se recordam de acordo com as estruturas e os quadros sociais que os antecedem, a atualização das representações sobre a “raça negra”, a partir de metonímias relacionadas aos



RELICI

“macacos” como sons, cânticos e bananas, sugere uma proximidade desta raça ao mundo animal/natural.

Em última instância, essa polarização indica uma das formas de identificação da “raça negra”. Diferentemente dos *homo sapiens*, categoria pensada para a “raça branca”, as representações hegemônicas sobre a “raça negra” sugerem que os negros seriam desprovidos de “racionalidade”, enquanto os primeiros seriam dotados de inteligência. O lugar social que as representações destinam aos negros é distinto daqueles considerados “superiores” ou “intelectuais”, como a ciência, a política ou os negócios, enfim, os cargos diretivos ou de prestígio.

As reações aos estereótipos negativos

Não podemos pensar que o “Preto X Branco” se apresenta apenas como palco de reprodução de representações sobre a raça negra, e que esse grupo iria aceitá-las passivamente ou não criaria formulações sobre o outro. O documentário revela parte dessas formulações que dramatizam as construções identitárias na cultura brasileira.

Durante o jogo, pôde-se observar uma tensão em torno dos espaços à margem do campo em que podem ficar brancos e pretos que não estão jogando. Por exemplo, foi solicitado que Gilmar, negro, ficasse atrás do alambrado, fora do campo. Eduardo, branco, ficou dentro do campo, mas fora das quatro linhas. O fato de ambos estarem interpostos por um alambrado fez com que Eduardo dissesse a Gilmar: “Fica na jaula”. Gilmar respondeu: “Jaula é a buceta da sua tia, porque eu vou respeitar sua mãe porque meu pai já deu uma namorada na sua mãe, certo? É lógico, meu pai, malandro...”. Eduardo retruca dizendo que dali a uma hora ele jogaria bananas. Ainda atrás do alambrado Gilmar faz uma declaração para a câmera bastante reveladora: “Eles têm revólver, eles têm tudo, só que a gente tem metralhadora e tem canhão, cê tá entendendo? E tem a pica grande, entendeu? Eles não vão arrumar nada com nós. Branco não vai arrumar nada com nós” (Morales, 2004).

O fato de serem identificados aos macacos não garante que os pretos assumam uma postura passiva em relação a esses estereótipos. Com efeito, eles os



RELICI

contestam e elaboram formas de identificação em relação aos “outros”. Zé Lauro revela quais seriam elas:

Xinga de macaco, xinga de tudo. Os caras chamam branco de veado, é tudo assim mesmo. O outro falou que chama de bambi. É, chama de veado mesmo. Os brancos jogam banana pros pretos, é tudo brincadeira, come a mulher dos brancos.

Após a vitória no quarto jogo, que consolidou a supremacia dos pretos naquele dia, um torcedor disse no documentário: “Agora é o ano inteiro os negão comendo banana e jogando as cascas para eles. O ano todinho” (Morales, 2004). O documentário termina com a roda de samba tocando a música “Sorriso negro”, num clima de total confraternização. Os créditos sobem tendo como trilha sonora o rap “Preto contra Branco” cantado por Rappin Hood, cuja letra também é de sua própria autoria. A letra é a seguinte: “Preto contra branco, branco contra preto, racismo continua é, daquele jeito/ preto contra branco, branco contra preto, no Brasil do carnaval abaixo o preconceito/ preto contra branco, branco contra preto, racismo continua é, daquele jeito/ preto contra branco, branco contra preto, no Brasil do futebol abaixo o preconceito”.

O racismo no Brasil deve ser compreendido principalmente como um fenômeno estrutural, que ultrapassa o preconceito individual e se manifesta em práticas, instituições e discursos que mantêm a desigualdade racial no país. Almeida (2019) é um dos teóricos que mais contribuem para essa compreensão, ao definir o racismo como um sistema complexo e sistêmico, entranhado nas relações sociais, econômicas e políticas. Para Almeida (2009), o racismo estrutural é invisível para muitos porque está naturalizado e legitimado por normas e comportamentos que parecem neutros, mas que reproduzem privilégios para grupos brancos e marginalizam as populações negras.

No Brasil, essa naturalização do racismo está fortemente relacionada ao mito da democracia racial, uma narrativa que sustenta a ideia de que a miscigenação e a convivência entre diferentes grupos étnicos teriam eliminado as tensões raciais no país. Munanga (2019) problematiza essa visão, afirmando que o Brasil não pode ser



RELICI

considerado uma sociedade racialmente democrática, pois as desigualdades raciais persistem em diversos setores e a miscigenação serviu para ocultar e diluir as reivindicações dos povos negros e indígenas. Gonzalez (2020) amplia essa crítica ao destacar que a cultura negra no Brasil tem sido historicamente invisibilizada e desvalorizada, e que reconhecer essa cultura é essencial para desconstruir o mito da democracia racial.

O futebol é um campo simbólico central na sociedade brasileira, exercendo uma influência significativa na construção da identidade nacional. Contudo, essa prática social não está isenta das dinâmicas de poder e exclusão racial presentes na sociedade como um todo. Miranda (2010) analisa como o futebol reproduz as desigualdades raciais, ao mesmo tempo em que oferece espaços para afirmação cultural e resistência. O acesso de atletas negros ao futebol profissional foi historicamente marcado por preconceitos e restrições, e ainda hoje as hierarquias raciais influenciam as posições de comando e reconhecimento dentro do esporte.

E assim como o futebol no campo dos esportes, no campo audiovisual os documentários desempenham um papel fundamental na construção e contestação das representações raciais. Segundo Nichols (2010), o documentário é um gênero que pode tanto reforçar quanto desafiar narrativas dominantes, dando voz a grupos marginalizados e expondo realidades ocultas. Documentários que abordam as relações entre futebol e raça são particularmente importantes para revelar as tensões raciais que permeiam esse esporte, mostrando as contradições entre a inclusão aparente e as exclusões reais.

O documentário “Preto x Branco”, dirigido por Wagner de Moraes, é um exemplo dessa produção crítica que expõe o racismo estrutural e as disputas identitárias no futebol brasileiro, a partir das narrativas dos próprios sujeitos daquela história. Ao registrar um jogo entre times formados por moradores “pretos” e “brancos” de uma comunidade periférica, a obra problematiza o racismo no esporte, evidencia os silenciamentos e as resistências presentes, e contribui para um debate necessário sobre as relações raciais no país. Ao construir uma poderosa metáfora visual ao



RELICI

apresentar um jogo de futebol entre times divididos pela cor da pele, em uma comunidade periférica de São Paulo, o embate esportivo dramatiza da sociedade brasileira, expondo de maneira simbólica e concreta as divisões raciais que atravessam o país.

A escolha por dividir os jogadores em equipes “pretas” e “brancas” é uma decisão narrativa carregada de significados, que revela as fronteiras raciais ainda fortemente marcadas nas relações sociais brasileiras, com implicações na construção da identidade. Esse jogo, portanto, não é apenas uma disputa esportiva, mas um palco onde se manifestam tensões históricas, identitárias e políticas. Como aponta Miranda (2010), o futebol no Brasil é tido como um espaço democrático, mas essa democracia é limitada e permeada por relações de poder que reproduzem o racismo estrutural. O documentário mostra que a aparente convivência pacífica entre raças está longe de ser uma realidade, evidenciando que o esporte reflete e reforça as desigualdades raciais da sociedade. Ao longo da narrativa, são mostrados os momentos de rivalidade, tensionamentos e até mesmo agressão entre os times, mas também episódios de solidariedade e respeito, o que evidencia a complexidade da convivência racial no Brasil. Essa ambivalência revela que o racismo é um fenômeno dinâmico, marcado por conflitos e resistências que coexistem no mesmo espaço.

A análise visual e discursiva do documentário evidencia como o corpo negro é representado e percebido dentro do contexto futebolístico e social retratado. No filme, essa valorização do corpo negro está presente nas imagens que destacam a força, a agilidade e a habilidade dos jogadores pretos, mas que quase não atribuem a eles papéis de comando ou protagonismo fora das quatro linhas. Essa representação reforça estereótipos raciais que associam a negritude à força bruta e ao talento natural, enquanto ignoram a complexidade e a inteligência dos sujeitos negros. Esse aspecto da representação contribui para a perpetuação do racismo estrutural, pois limita as possibilidades de ascensão social e política dos negros no futebol e na sociedade.



RELICI

Além disso, o documentário sugere que essa lógica é internalizada por alguns participantes, que reproduzem discursos que reforçam essas hierarquias raciais, muitas vezes de forma inconsciente. Um ponto fundamental destacado no documentário é a forma como o racismo, apesar de presente e vivenciado, é frequentemente silenciado ou naturalizado pelos próprios sujeitos envolvidos. A dualidade entre a negação do racismo e o reconhecimento tácito de sua existência é uma das dinâmicas centrais da experiência racial brasileira (Nascimento, 2016).

Esse processo de silenciamento é também uma estratégia de sobrevivência, uma vez que denunciar o racismo pode acarretar represálias sociais e econômicas. Portanto, o documentário evidencia a complexidade dessa situação, em que a denúncia do racismo está condicionada por uma rede de relações de poder e medo. Assim, o documentário problematiza diretamente o mito da democracia racial, uma narrativa que pretende apresentar o Brasil como um país livre de racismo em virtude da miscigenação e da convivência pacífica entre raças. Munanga (2019) destaca que esse mito é um mecanismo ideológico que esconde as desigualdades raciais e impede o reconhecimento das injustiças vividas pela população negra.

Em “Preto x Branco”, a existência do confronto racial explícito no jogo e as diversas experiências relatadas evidenciam que o Brasil não é uma sociedade racialmente harmônica. A narrativa do filme desmonta a ideia de que o racismo seria uma exceção ou um problema do passado, mostrando que ele está presente nas relações cotidianas e estruturais, nas piadas, nos discursos dos torcedores. Essa desconstrução do mito é fundamental para abrir espaço para um debate sobre as formas de racismo no país e as políticas necessárias para combatê-lo efetivamente. O documentário, ao dar voz aos protagonistas negros, também contribui para a valorização da cultura afro-brasileira.

Apesar das contradições e dificuldades, “Preto x Branco” mostra que o futebol também pode ser um espaço de resistência e afirmação da identidade negra. Os jogadores e moradores utilizam o esporte não apenas para competir, mas para fortalecer vínculos comunitários, expressar orgulho racial e desafiar estereótipos.



RELICI

Essa dimensão do esporte como prática cultural e política é destacada pelo documentário ao revelar como o jogo se torna um momento de empoderamento coletivo, em que a negritude é celebrada e afirmada. Essa resistência é crucial para a construção de narrativas alternativas que contestam o racismo e promovem a justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário funciona como um recurso que dá legitimidade ao grupo, ao mesmo tempo que funciona como um elemento para escrever os mitos fundadores da sua história, registrar os nomes dos guardiões da sua memória, expor a finalidade de confraternização deste jogo tecnicamente disputado na várzea paulistana e evidenciar a variedade do critério de identificação racial no Brasil, os estereótipos negativos, presentes nas injúrias proferidas à pessoa preta cujo conteúdo é de natureza animal, mas também, os positivos, quando exalta o diferencial da raça negra para as atividades corporais.

O documentário “Preto x Branco” constitui uma obra audiovisual de grande relevância para o debate contemporâneo sobre as relações raciais no Brasil, especialmente no âmbito do futebol, esporte que, embora frequentemente exaltado como símbolo de unidade e identidade nacional, também é um espaço onde as dinâmicas do racismo estrutural se manifestam de forma profunda e complexa. A partir da dramatização de um jogo entre times formados por “pretos” e “brancos”, moradores de uma comunidade periférica, o filme desvela as tensões, contradições e desafios que perpassam a convivência racial, desconstruindo o mito da democracia racial e evidenciando a persistência de práticas discriminatórias e desigualdades estruturais.

A análise realizada neste artigo revelou que o racismo no futebol não deve ser compreendido apenas como uma manifestação isolada ou circunstancial, mas como parte de um sistema mais amplo que estrutura relações sociais de poder e exclusão racial em diversos níveis da sociedade brasileira. O documentário expõe a valorização do corpo negro exclusivamente por atributos físicos, em detrimento do



RELICI

reconhecimento intelectual e estratégico, reproduzindo estereótipos e hierarquias que limitam a participação plena dos negros nas instâncias decisórias e simbólicas do esporte.

Além disso, foi possível observar como o racismo se expressa em formas explícitas e sutis, entrelaçando-se com mecanismos de silenciamento e naturalização que dificultam a identificação e o enfrentamento das discriminações. O conceito de racismo recreativo, que permeia as relações cotidianas, evidencia a ambivalência do fenômeno, que oscila entre a exposição e o ocultamento, configurando um cenário complexo para as práticas antirracistas.

No entanto, o documentário também destaca o potencial do futebol enquanto espaço de resistência, empoderamento e afirmação identitária da população negra. A prática esportiva, neste contexto, assume um papel significativo para o fortalecimento da autoestima coletiva, para a valorização da cultura afro-brasileira e para a construção de narrativas que desafiam os discursos hegemônicos. A produção audiovisual, por sua vez, configura-se como um instrumento político capaz de dar visibilidade às vozes marginalizadas, fomentar a reflexão crítica e estimular a mobilização social ultrapassando o limite do entretenimento, assumindo-se como uma ferramenta pedagógica e política essencial para desconstruir preconceitos, denunciar desigualdades e promover a justiça racial. A obra contribui para uma compreensão mais profunda das relações raciais no Brasil, incentivando o diálogo e a ação coletiva a favor de um futebol e de uma sociedade mais igualitário reafirmando o papel fundamental da produção cultural na luta contra o racismo estrutural e na construção de um Brasil plural e democrático.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, João H. F. Futebol e identidade nacional: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 215–230, jan./abr. 2010.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.



RELICI

ANDREWS, G. R. **Negros e brancos em São Paulo (1888 – 1988)**. Bauru: Edusc, 1998.

BASTIDE, R.; FERNANDES, F. **Brancos e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. 4ª Edição. São Paulo: Global, 2008.

BRAVIN, A. **Tessituras do presente: Mídia, Memória e identidade**. Comunicação apresentada ao XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Núcleo de Jornalismo, INTERCOM, Porto Alegre, 2004.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In.: Jodelet, D. **Representações sociais**, EDUERJ, 2001.

MAGGIE, Y. Uma nova pedagogia racial? In.: **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p.112-129, Dezembro/Fevereiro 2005-2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. **Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 19, p. 1103-1112, 2014.

MIRANDA, Jorge Luiz. **O negro no futebol brasileiro: corpo, exclusão e identidade**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MORALES, Wagner de (Diretor). **“Preto x Branco”** [Documentário]. Brasil, 2004. Disponível em: <https://tvcultura.com.br/videos/18335_preto-x-branco.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.



RELICI

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2016.

NICHOLS, Geoff. **Esporte e redução da criminalidade**: O papel do esporte no combate à criminalidade juvenil . Routledge, 2010.

RIBEIRO, Djamila. Apresentação. *In*: MOREIRA, Adílson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

ROCHA, L. L. F. Documentário no Maranhão: um lugar de memória. Cambiassu – **Revista Científica do Departamento de Comunicação social da Universidade Federal do Maranhão**: São Luis. Jan/ Dez, 2009.

SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil. Salvador: Edufba; Pallas, 2003.

SEYFERTH, G. **O beneplácito da desigualdade**: breve digressão sobre o racismo. *In*.: racismo no Brasil – São Paulo: Petrópolis; ABONG, 2002.

TELLES, E. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.